choro

DO QUINTAL AO MUNICIPAL

E X P O S I Ç Ã O

O projeto Choro nasceu a partir do livro "Choro do Quintal ao Municipal", de Henrique Cazes. Em parceria com a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), participação do Mestrado de Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Secretaria Municipal das Culturas, é complementado pela exposição de mesmo nome do livro.

Choro do Quintal ao Municipal pretende realizar uma pesquisa de acervo – iconográfico, partituras, instrumentos, objetos, documentos e memória oral – concentrando e gerando informações sobre o tema. Apesar de tanta importância, as informações sobre o Choro se encontram dispersas em acervos particulares, de colecionadores e herdeiros, em museus, arquivos públicos, bibliotecas e instituições. Identificar esse acervo é fundamental para reunir a memória do Choro.

www.choro.com.br

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Anthony Garotinho - GOVERNADOR

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
Helena Severo - SECRETÁRIA

FUNDAÇÃO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Marília Trindade Barboza — PRESIDENTE

FAPERJ
Fernando Peregrino — PRESIDENTE

Idealização e Coordenação	Ana Cunha
Curadoria	Henrique Cazes
Ambientação Cênica	Jefferson Duarte
Design	Andréia Resende
Designer assistente	Flávio Loureiro
Pesquisa	
Coordenação	Simone Pereira de Sá / UFF
Assistentes	Felipe Barros e Leonardo de Marchi
Cenotécnico	Humberto Silva
Impressões Digitais	Color Office
Fotos e Reproduções	Fernando Torres
Equipe de Produção	Tânia Galhardo, Clarice Pamplona e Dinho

Exposição "Vou Vivendo Pixinguinha" - Coleção de caricaturas, acervo Hermínio Bello de Carvalho e Helton Altman
Caricaturas de Augusto Rodrigues, Cavalcante, Chico, Claudius, Cruz, Elifas Andreato, Erthal, Getúlio Delphim, Guidacci, Ique, Lan, Lula, Mello Menezes, Monteiro, Nássara e Trimano

Agradecimentos
Alfredo, Fernando e Marcelo Vianna, André Teixeira, Banda do Corpo de Bombeiros - Capitão Geraldo Magela, Colégio Salesianos Santa Rosa - Mestre Afonso, Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional/BN, Edinha Diniz, Egeu Laus, Elena Bittencourt, Helton Altman, Hermínio Bello de Carvalho, Humberto Franceschi, J.C. Botezelli (o Pelão), Mario de Aratanha - Kuarup Discos, Pedro Corrêa do Lago, Roberto Carvalho - Rob Digital, Sérgio Cabral e Sérgio Prata.

Realização

LIMIAR
PRODUÇÕES
DESIGN

Mídia Eletrônica

MIDIARTE
DIGITALIZAÇÃO
WEB • MULTIMÍDIA

choro

DO QUINTAL AO MUNICIPAL

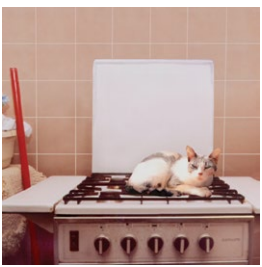
Muitos se perguntam como foi possível a trajetória realizada pelo Choro ao longo dos últimos cento e tantos anos. No momento em que a música popular foi se atrelando cada vez mais à demanda fonográfica, o Choro driblou as armadilhas, superou a perda de seus grandes ídolos – Pixinguinha e Jacob do Bandolim – e chegou ao século XXI mais forte do que nunca.

A exposição "Choro do Quintal ao Municipal" é uma forma de comemorar um dos mais efervescentes momentos dessa trajetória, reverenciando mestres e abrindo espaço para as novas e valorosas gerações.

Henrique Cazes

No mês de julho de 1845, a polca foi dançada pela primeira vez no Teatro São Pedro. Em pouco tempo dominou os salões, mesmo enfrentando a oposição dos moralistas. O aparecimento de várias casas editoras de música, sem dúvida, influenciará o nascimento e a divulgação da música dos chorões.

Para se fazer uma boa roda de Choro o equilíbrio entre diversos fatores é primordial. Primeiro é preciso um espaço adequado, de preferência uma varanda ou um quintal. Depois deve haver um equilíbrio entre violões, cavaquinhos, etc. Uma roda de verdade é aquela que mistura profissionais e amadores, sem nenhum problema. Na roda de Choro, o improviso acontece a todo instante.



O Animal, Alexandre Gonçalves Pinto, no livro "O Choro" (1936) descreve um hábito de músico experiente ao chegar a uma roda: procurar o fogão da casa e verificar se junto dele há um gato dormindo. Casa em que o gato dorme no fogão não tem comida.

piano

Chiquinha Gonzaga (1847-1935)
Iconografia Edinha Diniz

Ernesto Nazareth (1863-1934)
Iconografia Biblioteca Nacional

Em 1856, o escritor Araújo Porto Alegre definiu o Rio como "cidade dos pianos", tal a profusão do instrumento. Tantos pianos ajudaram a deflagrar a moda da polca e criaram uma demanda de repertório "abrasileirado" para o instrumento.

Dois músicos foram fundamentais no preenchimento desse espaço: Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. Ela, de comportamento polêmico e música versátil, teve o teatro de variedades como seu principal veículo. Ele, de personalidade introvertida e música mais elaborada, só foi absorvido na roda de choro muitas décadas depois.

Enquanto Chiquinha conquistava êxitos populares com seus tangos e corta-jacas, Nazareth era reconhecido pelo mundo da "música séria". Os dois alargaram as fronteiras do Choro.

flauta

Joaquim Antonio da Silva Callado (1848-1880)
Iconografia Biblioteca Nacional

Patápio Silva (1880-1907)
Iconografia Biblioteca Nacional

A chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, obrigou a cidade a evoluir em termos urbanísticos e culturais. O surgimento de uma classe média de funcionários públicos criou o terreno social para o florescimento do Choro.

Afro-brasileiro, filho de um pistonista e mestre de banda, **Joaquim Antonio da Silva Callado** é considerado o primeiro chorão. Mesmo tendo vivido pouco mais de trinta anos, Callado foi um líder, pois além de instrumentista virtuoso e bom compositor, era um organizador de conjuntos. Dos grupos organizados por Callado fizeram parte, entre outros, o violonista Saturnino, Baziza Cavaquinho, Chiquinha Gonzaga e o flautista e saxofonista Viriato Figueira da Silva.

Nascido no ano em que morreu Callado, **Patápio Silva** era de família modesta, mas um artista arrojado. Pioneiro em gravação de solo instrumental, morreu quando excursionava para arrecadar fundos e ir para a Europa. Agenor Bens, Clementino de Oliveira, Pedro de Assis e Antônio Maria dos Passos são outros nomes que brilharam na fronteira entre o Choro e a música de salão.

Desenhos de Raul Pederneiras (1874-1953), ***Cenas da Vida Carioca***. Iconografia Biblioteca Nacional.

violão

O violão tem enorme importância na gênese do Choro. Instrumento antes já identificado com a música popular – modinha e lundu – foi na música dos chorões que o violão ganhou espaço para se desenvolver, tanto em solo quanto em acompanhamento. Entre os pioneiros, destacam-se Quincas Laranjeira, Sátiro Bilhar e João Pernambuco, este um compositor extremamente original, que influenciou Villa-Lobos na construção de sua monumental obra violonística.

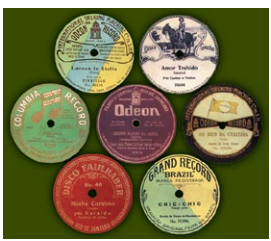
Quincas Laranjeira, Agostin Barrios e João Pernambuco
Iconografia Sérgio Cabral

Como acompanhador, Arthur de Souza Nascimento, o Tute, pontificou nas primeiras décadas do século XX, sendo ainda o introdutor do violão de sete cordas, instrumento que substituiu o oficleide na função de executar os contrapontos graves, as famosas baixarias.

gravações mecânicas

O período das gravações mecânicas no Brasil, entre 1902 e 1927, foi quando proporcionalmente mais se gravou música instrumental e boa parte desse montante era Choro, em diversos formatos. Algumas bandas, como as do Corpo de Bombeiros e da Casa Edison, gravaram polcas, *schottisches* e valsas.

Solistas com acompanhamento de piano, como Patápio Silva e Pedro de Assis, davam uma embalagem de música de salão. Cavaquinho, violão e mais um solista (trompete, flauta ou clarinete) era o formato mais usual na década de 10. Um formato que caiu em desuso foi o de trios e quartetos de sopro sem base harmônica.

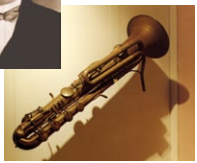


Selos de gravadoras da fase mecânica
Iconografia Humberto M. Franceschi

bandas

Anacleto de Medeiros
(1866-1907)
Iconografia
Biblioteca Nacional

A importância social das bandas de música no século XIX não se restringia ao âmbito das festas e solenidades. Caminho quase único para a iniciação musical das classes mais modestas, as bandas foram celeiro de chorões. O músico que melhor traduziu a ligação entre Choro e banda foi Anacleto de Medeiros. Compositor inspirado e multiinstrumentista, destacou-se como organizador de corporações musicais.



Oficleide
Acervo Colégio Salesianos Santa Rosa

Tendo sido musicalizado por um mestre chorão – Santos Bocot –, Anacleto, ao organizar sua mais famosa banda, a do Corpo de Bombeiros, arregimentou músicos como Luís de Souza, Casemiro Rocha, Carramona e Irineu de Almeida, todos chorões de boa técnica. O resultado foi uma banda com especial musicalidade.

Banda do Corpo de Bombeiros
Iconografia Banda do Corpo de Bombeiros

pixinguinha

Choperia "Naquele Tempo"

Coleção de rótulos de cachaça
Acervo Egeu Laus

Quando Pixinguinha chegou na roda, o caldeirão do Choro já estava fervendo. Levado por seu professor Irineu de Almeida, chorão de primeira linha, o menino de onze anos, além de tocar flauta de um jeito diferente e contagiante, improvisava sem o menor esforço.

Quando suas composições começaram a ser lançadas, deu pra perceber que havia um salto. Pixinguinha deu ao Choro uma forma musical definida e compôs muito. Mais tarde lançou as bases da linguagem orquestral brasileira e desenvolveu um estilo de contraponto que seu professor Irineu já fazia no oficleide.

O maestro Radamés Gnattali definiu a importância de Pixinguinha para o Choro de forma precisa: "choro tem muito por aí, mas bons mesmo são os do Pixinguinha, e não é porque são mais elaborados, é porque ele era um gênio".

Iconografia Sérgio Prata

Pixinguinha entre amigos Iconografia Henrique Cazes

Iconografia Acervo Mozart Araújo, CCBB

Ademilde Fonseca, a Rainha do Chorinho, canta acompanhada de Dino, Jonas e César Faria, entre Negrão de Lima, Pixinguinha e Ricardo Cravo Albin. Iconografia Henrique Cazes

Pixinguinha, Radamés Gnattali e Jacob do Bandolim Iconografia Biblioteca Nacional

Grupo do Caxangá Iconografia Biblioteca Nacional

Jazz Band Os Batutas com Pixinguinha, Paraíso, Sebastião Cirino, Bonfiglio de Oliveira, Euclides Virgulino e Esmerino Cardoso
Iconografia Biblioteca Nacional

Orquestra Diabos do Céu - Adolfo, Tio Faustino, Pereira dos Santos, (?), João da Bahiana, Nelson Roriz, Wanderley (em pé), (?), João Martins, Pixinguinha, Ernani Braga, Monteiro (sentados)
Iconografia MIS

Choperia La Concha, 1912
Bonfiglio de Oliveira, Pádua, Otaviano e Pixinguinha
Iconografia Sérgio Prata

Os Batutas - Pixinguinha, José Alves Lima, José Monteiro, Sizenando Santos (Feniano), Nelson Alves, Donga e China
Iconografia Biblioteca Nacional

Grupo da Velha Guarda - Waldemar, Bide, Ruben, João da Bahiana, Pixinguinha, Donga, Alfredinho, Mirinho e J.Cascata
Iconografia Biblioteca Nacional

Os Cinco Companheiros - Pixinguinha, Dilermando Reis, Luperce Miranda, João da Bahiana e Tute
Iconografia Sérgio Prata

Meira, Pixinguinha, Benedito Lacerda e Dino 7 Cordas
Iconografia Biblioteca Nacional

Benedito Lacerda e Pixinguinha
Iconografia Biblioteca Nacional

Donga, Pixinguinha, Athaulfo Alves, João da Bahiana e Jacob do Bandolim
Iconografia Sérgio Prata

Pixinguinha comemora seu aniversário no Gouvêa
Iconografia Sérgio Prata

Donga, Pixinguinha e João da Bahiana
Iconografia Sérgio Prata

Pixinguinha e João da Bahiana
Iconografia Sérgio Prata

Vinícius de Moraes e Pixinguinha
Iconografia Henrique Cazes

vou vivendo pixinguinha

Coleção de caricaturas
Acervo Hermínio Bello de Carvalho
e Helton Altman

Elifas Andreato

Chico

Nássara

Lan

Mello Menezes

Cavalcante

Lula

Augusto Rodrigues

Claudius

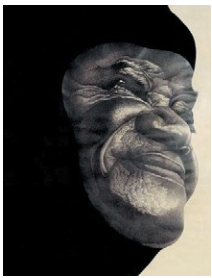
Getúlio Delphim

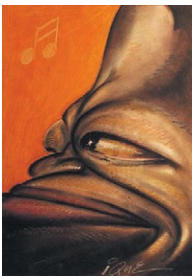
Monteiro

Erthal

Guidacci

Cruz


Trimano


Ique

A era do rádio

A era do rádio no Brasil compreende o pe-ríodo que vai de meados da década de 30 até o fatídico ano de 1964. É a fase mais contraditória da história do Choro. Por um lado, havia o canal que permitiu a nomes como Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Benedito Lacerda e muitos outros, serem ouvidos e reconhecidos nacionalmente; por outro, o "conjunto regional" – como era chamada a formação com dois ou três violões, cavaquinho, pandeiro e solista – passou a ser considerado uma instância menos nobre da música.

Para uma estação de rádio, o regional era sinônimo de tapa-buraco. Um conjunto que não precisava de arranjo e acompanhava até o que não conhecia. Se um cantor faltava ao programa, a solução era simples: toca um Choro aí. Durante esse período ficou a impressão para o público de que Choro e regional eram quase sinônimos. Na fronteira da modernidade, Radamés e seu Quinteto mostravam que não.

foto Luiz Cláudio Lemos

"Quando havia algum problema e falhava a programação, o regional era chamado e muitas vezes o cantor dizia o tom e nós entrávamos tocando sem conhecer a música, fazendo introdução na hora, harmonizando na hora".

Orlando Silveira
(acordeonista e arranjador)

"Foi acompanhando calouros que eu aprendi a manejar o violão. O calouro quando canta ele às vezes atravessa e a gente que está acompanhando tem que atravessar junto, senão vai atravessado até o final. A gente tem que pular junto, para chegar junto e o ouvinte não perceber".

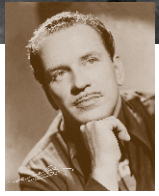
Dino 7 Cordas

Benedito Lacerda acompanhado por Meira, Canhoto e Dino Iconografia Biblioteca Nacional

Benedito Lacerda,
Carlos Lentine,
Canhoto, Ney Orestes
e Russo do Pandeiro
Iconografia
Biblioteca Nacional

Benedito Lacerda

Iconografia Biblioteca Nacional



Russo do Pandeiro

Regional de Dante Santoro (acima)
Índio do Cavaco acompanha Dante Santoro (abaixo)
Iconografia Biblioteca Nacional

Iconografia Henrique Cazes

Canhoto e seu Regional: Meira, Gilson, Altamiro Carrilho, Dino e Orlando Silveira (acordeom)
Iconografia Sérgio Prata

Meningile, Canhoto, Meira, Dino, Carlos Galhardo e Benedito Lacerda
Iconografia Biblioteca Nacional

Benedito Lacerda com o Grupo do Juvenal Iconografia Biblioteca Nacional

Claudionor Cruz
Iconografia
Biblioteca Nacional

Alberto,
João Donato,
César Faria, Duílio,
Arthur 7 cordas
e Altamiro Carrilho
Iconografia Sérgio Prata

Altamiro Carrilho (flauta) e outros
Iconografia Biblioteca Nacional

Elias (cavaco), César Faria,
Carmen Costa, Altamiro Carrilho
e Alberto (pandeiro)
na Rádio Guanabara
Iconografia Sérgio Prata

Voltaire, Caçula, Pitanga e Darly no pandeiro
Iconografia Sérgio Prata

Lino, César Faria, Luperce Miranda
e Arthur 7 Cordas
Iconografia Sérgio Prata

Regional de Darly do Pandeiro
Iconografia Sérgio Prata

Carolina Cardoso de Menezes
Iconografia Biblioteca Nacional

Jorginho do Pandeiro, Arthur Duarte, Marion, Índio do Cavaco, Jacob do Bandolim e César Moreno no Hotel Quitandinha - Petrópolis
Iconografia Sérgio Prata

Severino Araújo e Orquestra Tabajara
Iconografia Biblioteca Nacional

Copinha e Pixinguinha
Iconografia Biblioteca Nacional

Luís Americano
Iconografia Biblioteca Nacional

K-Ximbinho

Raul de Barros
Iconografia Biblioteca Nacional

Dilermando Reis
Iconografia
Biblioteca Nacional

Garoto
Iconografia
Biblioteca Nacional

com Aimoré

João da Bahiana
Iconografia Biblioteca Nacional

com Laurindo de Almeida (sentado)
e Faria e Mesquita (em pé atrás)

Bide
Iconografia Biblioteca Nacional

Roda de Choro em São Paulo nos anos 50. Sentados: Pery Cunha,
Amador Pinho, Gumercindo e Antônio d'Auria. Em pé: Gentil do Pandeiro,
Juracy Barreto (Barão) e Jayme Soares. Iconografia Biblioteca Nacional

Villa-Lobos e Radamés

Radamés Gnattali

Iconografia
Biblioteca Nacional

Chiquinho do Acordeom
Iconografia Biblioteca Nacional

Sexteto Radamés:
Pedro Vidal Ramos, Edu da Gaita, Zé Menezes,
Luciano Perrone (bateria), Chiquinho do Acordeom,
Aída Gnattali e Luís Bandeira (pandeiro)
Iconografia Biblioteca Nacional

Waldir Azevedo

Iconografia
Biblioteca Nacional

5ª caravana de propagação da música popular, que foi à Europa com Lombardi Filho, Wadir, Leonel, King e Ohana, Geraldo Silveira (encoberto), Daltin Fogler (contra-baixo) e Poly (guitarra)

Altamiro Carrilho (flauta), Abel Ferreira (clarinete), Luperce Miranda (bandolim) e Jorge Luperce (cavaquinho)
Iconografia Henrique Cazes

Dino 7 Cordas, Meira, Canhoto e Luperce Miranda
Iconografia Sérgio Prata

Luperce Miranda, Meira, Jorginho do Pandeiro, Canhoto e Dino
Iconografia Sérgio Prata

Jacob do Bandolim

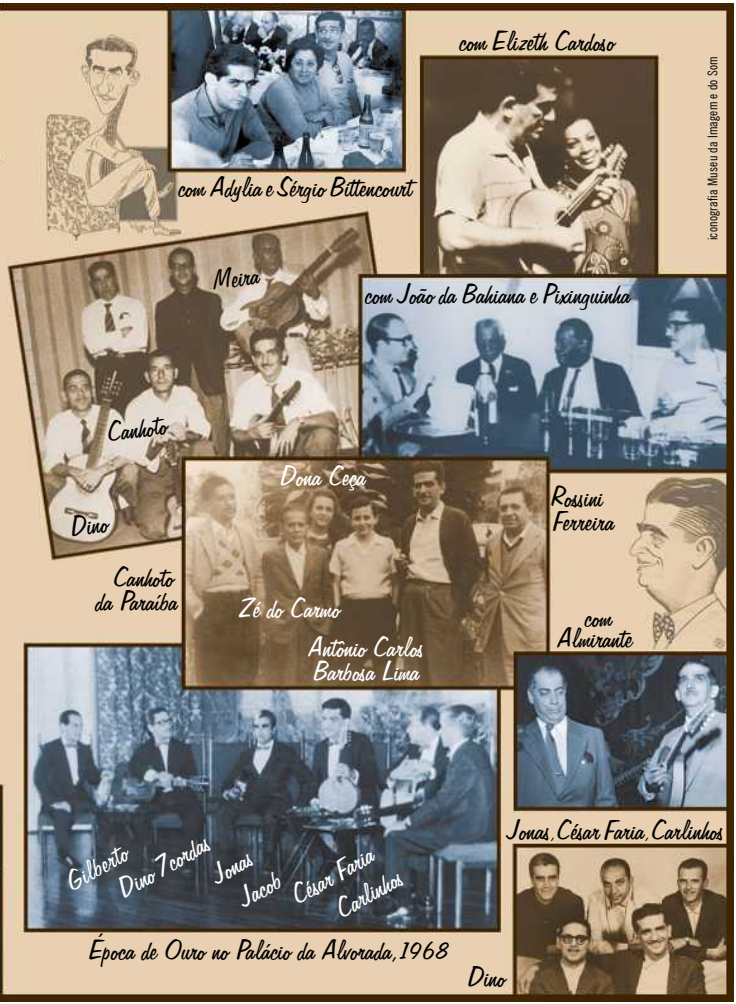
com Radamés Gnattali

Pixinguinha na Noite dos Choristas

com Nelson Gonçalves, Orlando Silva e Carlos Galhardo

com Pixinguinha

Show no João Caetano, 1969


com Elizeth Cardoso
com Adylia e Sérgio Bittencourt
iconografia Museu da Imagem e do Som
Meira
com João da Bahiana e Pixinguinha
Canhoto
Dino
Dona Ceça
Rossini Ferreira
Canhoto da Paraíba
Zé do Carmo
Antonio Carlos Barbosa Lima
com Almirante
Jonas, César Faria, Carlinhos
Gilberto
Dino 7 cordas
Jonas
Jacob
César Faria
Carlinhos
Época de Ouro no Palácio da Alvorada, 1968
Dino

anos 70

Com o desaparecimento de lideranças como Jacob do Bandolim, em 69, e Pixinguinha, em 73, parecia que o Choro estava agonizando. Surpreendentemente, em meados dos 70, a onda de interesse pelos valores tradicionais de nossa música fez o Choro voltar à pauta. Um momento importante foi o show "Sarau", dirigido por Sérgio Cabral e que tinha no elenco Paulinho da Viola, Copinha e o Conjunto Época de Ouro. Vários outros eventos se seguiram, inclusive os festivais da TV Bandeirantes que tiveram alcance nacional. Havia a velha guarda que estava em forma: Abel Ferreira, Waldir Azevedo, Altamiro Carrilho, Ademilde Fonseca, Raul de Barros e outros. E havia também a turma nova que brilhava: Joel Nascimento, Déo Rian, Zé da Velha etc. Paulo Moura foi resgatado do jazz e uma novíssima geração surgiu em grupos como Os Carioquinhas, Galo Preto, A Fina Flor do Samba e Anjos da Madrugada. A febre foi aguda, porém efêmera, deixando como herança uma turma disposta a tocar o Choro pra frente.

1

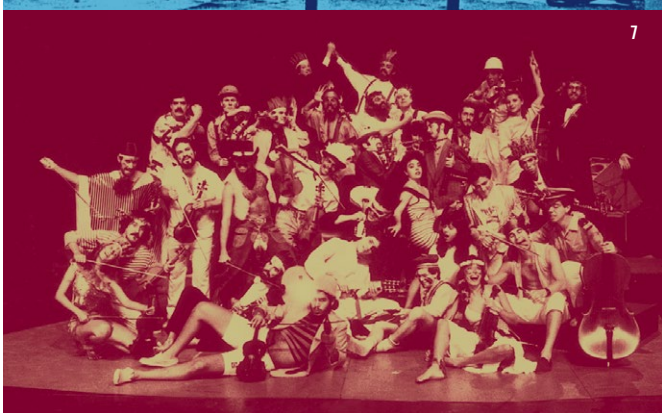
2

3

4

5

6


7

8

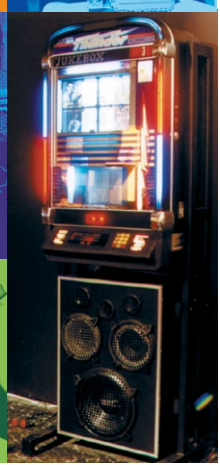
9

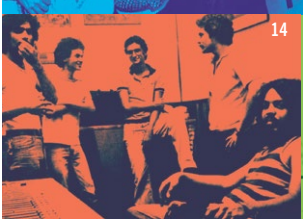
10

11

12

13




14

15

choro contemporâneo

Ao contrário do que muitos previram, o Choro chegou ao terceiro milênio com grande vitalidade, dinâmica transformação e atraindo novos e jovens adeptos.
Três aspectos chamam a atenção no Choro que se faz em 2001. A multiplicação de formatos devolveu o frescor e a variedade de timbres, a produção independente e de pequenos selos atingiu a maturidade e, finalmente, as informações relativas à musicalidade chorística passaram a circular de forma mais organizada e fluente. Dentro e fora do Brasil cada vez mais músicos tocam, compõem e estudam Choro.
As primeiras teses acadêmicas sobre o assunto surgiram nos anos 90, e são cada vez mais comuns as oficinas para a prática de conjunto de Choro. Por tudo isso, é hora de conectarmos produtores e consumidores de Choro, para que ele esteja de fato por toda parte.

www.choro.com.br

Legendas das fotos nas páginas 29, 30 e 31:

1 Ademilde Fonseca dançando no Sovaco de Cobra, na Penha.

2 Ademilde Fonseca e Dazinho (Coisas Nossas), em Londrina, 1982.

3 Waldir Azevedo, Zé da Velha, Copinha, Paulo Moura, Abel Ferreira e Joel Nascimento, solistas do show "Choro na Praça" (sucesso dos anos 70).

4 Roda de Choro na casa de Álvaro Carrilho, em 1981: da esquerda para a direita, Maurício Carrilho, Luiz Otávio Braga, Altamiro Carrilho, Joel Nascimento, Henrique Cazes, Dazinho e, de costas, Oscar Bolão. Atrás: na janela, César Carrilho e com a flauta, Paulo Penna Firme.

5 Radamés Gnattali com a Camerata Carioca

6 Os Carioquinhas

7 Orquestra de Música Brasileira, dirigida por Roberto Gnattali.

8 Na casa de Radamés Gnattali [ao centro]: da esquerda para a direita, Henrique Cazes, Luiz Otávio Braga, Maurício Carrilho (encoberto), Beto Cazes, Joaquim Santos e Joel Nascimento.

9 Canhoto da Paraíba

10 Joel Nascimento (bandolim), ao lado de Guinga, João Nogueira e Cartola

11 Joel Nascimento e Déo Rian

12 Paulo Moura

13 Amigos do Choro: em pé, Nilza de Oliveira, Gérson Ferreira Pinto, Altayr dos Reis, Wilson da Cunha e Rossini Ferreira; sentados, Jair de Oliveira, Adoniran Borges e Carlos Eduardo de Souza.

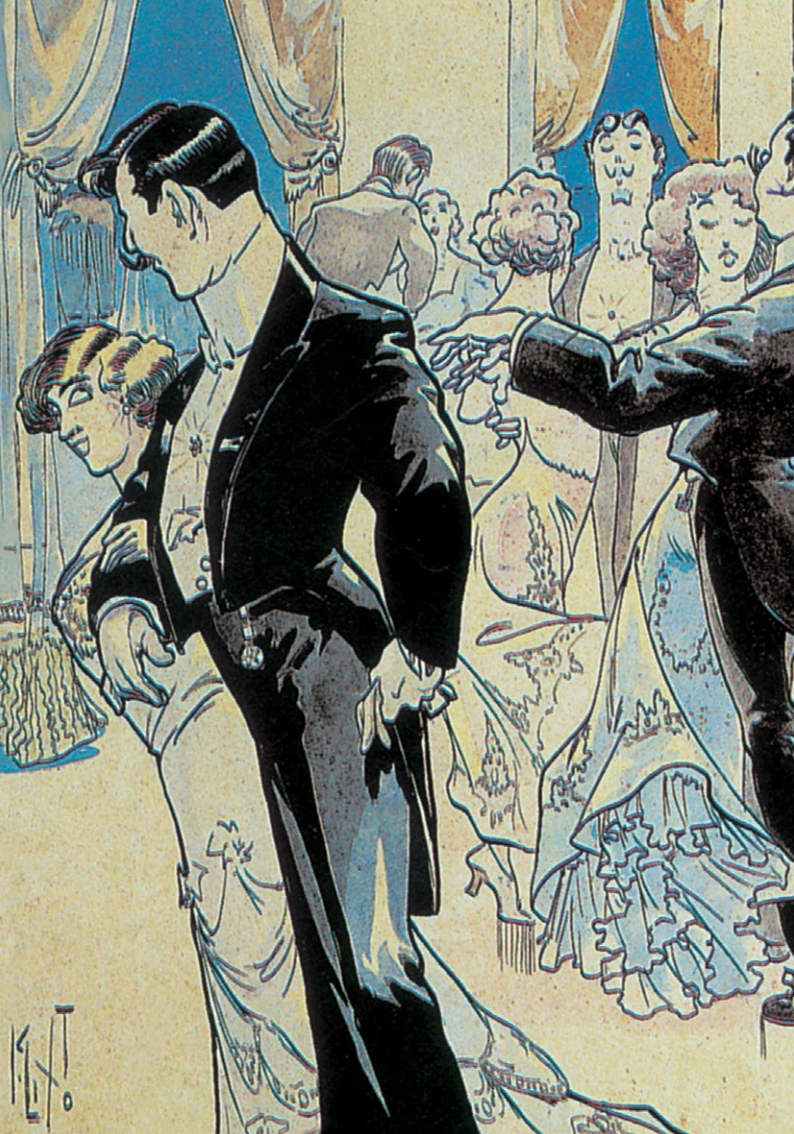
14 Galo Preto

15 Izaías do Bandolim

Índice

Choro do Quintal ao Municipal	*4*
Piano	*6*
Flauta	*7*
Gravações Mecânicas	*8*
Bandas	*8*
Pixinguinha - *Chopperia "Naquele Tempo"*	*9*
"Vou Vivendo Pixinguinha"	*10*
A Era do Rádio - *Rádio Choro Livre*	*16*
Jacob do Bandolim	*26*
Anos 70	*28*
Choro Contemporâneo	*32*

Baile Rico e Baile Pobre (1905), caricatura de K.Lixto (1877-1957), ▶
no livro: Caricaturistas Brasileiros, 1836-1999 de Pedro Corrêa do Lago.



Apoio Cultural

BNDES

Prefeitura da Cidade
RIO
Secretaria das Culturas
RIOARTE

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

SECRETARIA DE ESTADO
DE CULTURA

GOVERNO DO ESTADO RJ
FAZENDO NOSSO POVO MAIS FELIZ

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro